

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Reprodução



O que passou pela cabeça de Bolsonaro?

A ressaca da oposição após a prisão

Segundo um interlocutor, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, começou a semana nesta segunda-feira (24) irritadíssimo. Com o ex-presidente Jair Bolsonaro e com seus filhos, especialmente, neste momento, Eduardo e Flávio. Valdemar comentava como a família Bolsonaro o tempo todo compra a corda para ela mesma se enforcar. O presidente do PL não conseguia com-

preender o que se passara na cabeça de Bolsonaro ao meter, nas suas próprias palavras, "um ferro quente" na caixa da sua tornozeleira eletrônica. Não conseguia imaginar àquela altura o que era pior: uma confissão de culpa sobre a violação do aparelho ou a versão posterior a respeito do surto psicótico. Nos dois casos, há uma sensação de enorme prejuízo político.

Hipóteses

Numa hipótese, ele admiraria o descumprimento das medidas cautelares impostas a ele. Na outra, revelou uma fragilidade mental que pode vir a comprometer a sua força como referência política. Especialmente junto àqueles que não são bolsonaristas radicais.

Abre-se nos bastidores uma discussão quanto à importância, a essa altura, do aval de Bolsonaro a quem for o candidato da direita em 2026. E até mesmo se ainda será possível. Visitas que poderiam acontecer na sede da Polícia Federal provavelmente serão proibidas.

Reprodução/redes sociais



Bolsonaro correu atrás de uma ema com cloroquina

Ferro de solda gera calor que pode chegar a 500° Celsius

Publicamente, o PL e os aliados de Bolsonaro apostarão na versão do surto. Mas consideram que somente um agravamento da saúde do ex-presidente poderia provocar uma grande comoção na sociedade. Bolsonaro manipulou muito próximo à sua perna um aparelho cujo calor produzido vai

de 200° a até 500° Celsius. Se o ferro de solda tivesse encostado na pele do ex-presidente, produziria uma queimadura gravíssima. Bolsonaro derreteu a caixa por toda a sua extensão. Não parece algo que se faria durante um surto. Por outro lado, também não parece algo que alguém fizesse em seu juízo perfeito.

Cloroquina

Há uma preocupação de que os adversários de Bolsonaro venham a explorar que tal fragilidade psicológica não seria fruto de um momento. Em plena pandemia de covid-19, Bolsonaro correu no Alvorada perseguiendo uma ema com uma caixa de cloroquina.

Vídeo

Dois dias depois do 8 de janeiro de 2023, Bolsonaro postou um vídeo atacando as urnas eletrônicas, e depois apagou. Na ocasião, também alegou que fizera a postagem sob efeito de medicamentos que lhe teriam sido ministrados quando se internou em um hospital.

Fragilidade

Até que ponto, portanto, a exposição de uma fragilidade na saúde despertará comoção? Até que ponto ela pode ultrapassar o efeito desejado? Até que ponto o que acontece não é consequência das próprias ações impensadas perpetradas por Bolsonaro e sua família?

Sem aval

Há quem, diante do quadro, comece a pregar alternativa sem o aval de Bolsonaro. Baseia-se na última pesquisa Quaest. Perguntou-se qual seria o melhor resultado eleitoral em 2026. Somando quem disse "Nem Lula nem Bolsonaro" e "Alguém fora da política", dá 41%.

Primeira Turma do STF mantém Bolsonaro preso

Os quatro ministros consideraram pertinente a prisão preventiva

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Demais ministros seguiram Moraes e mantiveram Bolsonaro preso

Por Rudolfo Lago

Não teria sido a primeira vez que o ex-presidente Jair Bolsonaro desrespeitou medidas cautelares. Inclusive, a determinação anterior, de prisão domiciliar e uso de tornozeleira devia-se ao fato de Bolsonaro ter participado, em vídeo, de uma manifestação popular quando estava proibido de ações desse tipo. Por essa razão, os quatro ministros da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiram manter a decisão do ministro Alexandre de Moraes, que no sábado (22) determinou a prisão preventiva do ex-presidente. Desde então, Bolsonaro ocupa uma sala na sede da Polícia Federal (PF) em Brasília.

"Não há dúvida sobre a necessidade da conversão da prisão domiciliar em prisão preventiva, em virtude da necessidade da garantia da ordem pública, para assegurar a aplicação da lei penal e do desrespeito às medidas cautelares anteriormente aplicadas", disse Moraes. "Jair Messias Bolsonaro é reiterante no descumprimento das diversas medidas cautelares impostas" completou Alexandre de Moraes, o primeiro a votar, em julgamento no plenário virtual.

Os demais ministros da Primeira Turma – Flávio Dino, Cristiano Zanin e Cármen Lúcia – acompanharam o voto de Moraes. A Primeira Turma do STF está somente com quatro integrantes desde que Luiz Fux pediu mudança para a Segunda Turma, após divergir dos colegas e absolver os réus do chamado "núcleo crucial" da trama golpista, que inclui Bolsonaro.

A prisão, porém, não foi determinada em função do julgamento da trama golpista. Refere-se a uma outra ação, na qual Bolsonaro e seu filho, Eduardo Bolsonaro, respondem por tentar coagir a Justiça no julgamento. Por conta desse julgamento, uma decisão restringiu Bolsonaro do uso de redes sociais e manifestações políticas. O descumprimento dessas medidas cautelares, no entendimento do STF, o levou primeiro à prisão domiciliar. O descumprimento agora novamente de outras medidas – inclusive com a tentativa de violação da sua tornozeleira eletrônica – o levou à prisão preventiva.

Descumprimentos

No seu voto, Moraes afirmou

que em julho e agosto Bolsonaro já descumpriu a determinação de não usar redes sociais. "Em decisão de 4.ago.2025, em face do reiterado descumprimento das medidas cautelares impostas anteriormente, decretai a prisão domiciliar de Jair Messias Bolsonaro, ressaltando expressamente que o descumprimento de suas regras ou de qualquer uma das medidas cautelares implicaria na sua revogação e na decretação imediata da prisão preventiva", escreveu em seu voto.

"A continuidade no desrespeito às medidas cautelares, entretanto, não cessou. Pelo contrário, ampliou-se na última sexta-feira, dia 21.nov, quando Jair Messias Bolsonaro violou dolosa e conscientemente o equipamento de monitoramento eletrônico", continuou.

Fugas

Outro fator que pesou na avaliação dos ministros foi a ação de pessoas próximas ao ex-presidente que se ausentaram do país, o que poderia sinalizar uma intenção semelhante de Bolsonaro. Essa posição foi ressaltada pelo presidente da Primeira Turma, ministro Flávio Dino, em seu voto. Estão nos Estados Unidos o filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro (PL-SP), e o deputado Alexandre Ramagem (PL-RJ), que saiu do país na semana passada. E na Itália encontra-se presa a deputada Carla Zambelli (PL-SP).

"As fugas para outros países de deputados federais perpetradores de crimes similares e conexos, com uso de artifícios diversos, demonstram a ambição vulneradora da ordem pública em que atua a orga-

nização criminosa chefiada pelo condenado, compondo um quadro que, lamentavelmente, guarda coerência com o conjunto de ilegalidades já reprovadas pelo Poder Judiciário", disse o ministro. "As fugas citadas mostram profunda deslealdade com as instituições pátrias, compondo um deplorável ecossistema criminoso".

Vigília

Em seu voto, Flávio Dino também mencionou riscos à ordem pública que poderiam acontecer com a vigília convocada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) para acontecer em frente ao condomínio onde o ex-presidente mora no bairro Jardim Botânico em Brasília.

Para Dino, a vigília poderia gerar tumulto em uma região "densamente povoada". Poderia expor "moradores e proprietários privados a potenciais danos e situações de perigo iminente". Ele acrescenta: "Pertinente lembrar que entre os moradores em risco estariam inclusive idosos e crianças, o que sublinha a insuportável ameaça em curso".

O risco da situação com a vigília sair do controle foi um dos pontos que levou à Polícia Federal a pedir a prisão preventiva no sábado. A violação da tornozeleira eletrônica agravou o quadro. Aliados de Bolsonaro, porém, criticam a decretação da prisão pelo ato convocado por Flávio Bolsonaro. Alegam que manifestações políticas são um direito de qualquer cidadão, assegurado pela Constituição.

Surto

Na audiência de custódia a que foi submetido no domin-

go (23), Bolsonaro disse à juíza Luciana Sorrentino que tentou violar a tornozeleira eletrônica como consequência de um surto psicótico. Antes, porém, quando o alarme da Polícia Federal soou na madrugada de sábado (22) indicando que alguma coisa tinha acontecido com o aparelho, ele disse à diretora-adjunta da Secretaria de Administração Penitenciária do Distrito Federal, Rita de Cassia Gaio Siqueira, que tinha tentado abrir a caixa da tornozeleira "por curiosidade".

"Usei ferro quente, ferro quente aí, curiosidade", disse na ocasião. Na audiência de custódia, porém, Bolsonaro afirmou que teria sofrido um quadro de "confusão mental e alucinações" pela associação de medicamentos que tomara. Nessa situação, ele afirma ter imaginado que poderia haver um aparelho de escuta escondido na caixa da tornozeleira e, por isso, tentou abri-la. Parou, segundo ele, quando caiu na razão.

Diante da alegação do "surto", a defesa de Bolsonaro pede a revogação da prisão preventiva. Segundo a defesa, "é inequívoco que inexistiu qualquer tentativa de fuga ou de se furtar à aplicação da lei penal".

A defesa de Bolsonaro já vinha preparando um pedido de prisão domiciliar para o momento em que se iniciasse a execução da pena pela condenação no julgamento por tentativa de golpe, por conta dos problemas de saúde do ex-presidente. Embora ainda haja possibilidade de recursos, estima-se que o processo por tentativa de golpe poderá transitar em julgado (chegar ao seu final) na próxima semana.

Centrão vê chance de chapa sem família do ex-presidente



Chances eleitorais de Eduardo e Flávio teriam se reduzido

A prisão preventiva de Jair Bolsonaro (PL) e o episódio envolvendo a violação de sua tornozeleira eletrônica são apontados por integrantes do Centrão como uma nova janela de oportunidade para pressionar por uma chapa presidencial em 2026 encabeçada pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos) e com um nome do próprio grupo como vice.

Governadores do campo da direita e os partidos de centro e de direita que controlam o Congresso Nacional tentam há meses emplacar a chapa com o apoio de Bolsonaro, essencial para garantir viabilidade eleitoral à empreitada. Os filhos do ex-presidente resistem publicamente à ideia.

As últimas horas, porém, reavivaram o ânimo nessa direção, em especial pela confissão de Bolsonaro em vídeo de que meteu "ferro quente" na tornozeleira e a declaração, neste

domingo (23), de que fez isso devido a uma "paranoia" causada por medicamentos.

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que ensaiava encabeçar a chapa presidencial, foi peça central na decretação de prisão assinada pelo ministro Alexandre de Moraes, segundo quem a vigília convocada pelo senador tinha intuito secreto de viabilizar uma fuga do pai.

De acordo com integrantes da direita e do Centrão, a pretensão presidencial de Flávio, que havia ganhado o aval do deputado federal Eduardo Bolsonaro, se enfraquece. O episódio fez o senador entrar na mira de Moraes, na avaliação de aliados.

Centrão

A queda de braço na direita não se resume ao cabeceira da chapa,

mas também ao vice. No mundo de sonhos do Centrão, Tarcísio teria como vice alguém do próprio grupo, como o senador Ciro Nogueira (PP-PI) ou a senadora Tereza Cristina (PP-MS).

O cuidado do Centrão na negociação tem como razão de ser a avaliação consensual no grupo de que um rompimento com Bolsonaro ou uma viagem solo sem o seu apoio teria enorme chance de fracassar nas urnas.

Nos bastidores, há promessas direcionadas à família de que caso não haja empecilhos graves ao projeto do grupo, isso facilitaria o trabalho de tentar diminuir as penas do ex-presidente no Congresso, articular um cenário do Supremo para concessão de prisão domiciliar e, a médio prazo, em caso de vitória em 2026, viabiliza a anistia geral no próximo mandato.

Rannier Bragon e Marianna Holanda (Folhapress)